

pe, a qual muito devo pelos acertos da minha administração, imprimir na gestão da UFSM. É claro que as Administrações anteriores legaram um trabalho reconhecido, inclusive projetando a UFSM no cenário nacional e até internacional. Em várias áreas ela já era reconhecida como de excelência. Ainda no plano externo foi um período de muita participação nacional em grandes temas como a Constituinte, a isonomia entre universidades autárquicas e fundacionais. Tivemos, eu e membros da minha equipe, ativa participação na discussão sobre a autonomia universitária, sobre o financiamento da educação, sobre a recomposição dos orçamentos das IFES e outros temas nacionais. Para quem não viveu aquela época, é preciso dizer que, salvo períodos dos três planos econômicos, entre 1986 e 1989, a inflação atingia 30% ao mês. A instabilidade econômica se refletia também na administração. O MEC teve quatro ministros.

Pessoalmente, a eleição significou um desafio maior, o de não frustrar a expectativa da Comunidade Universitária. Isto, se ocorresse, reforçaria os argumentos dos que continuavam a se opor à escolha dos dirigentes através do voto direto. Procurei ser atuante na minha participação no CRUB, nas discussões sobre o ensino superior no Congresso Nacional. Fui fundador e Vice-Presidente da ANDIFES. Representei a UFSM ativamente em todos os foros e instâncias, procurando projetar o trabalho e a pujança da Instituição.

P- Havia neste período uma atuação muito forte do Movimento Estudantil, com protestos, ocupações até mesmo de espaços institucionais da universidade. Como o sr. analisa a turbulência deste período da chamada redemocratização do país?

R- Foi uma época singular, pois coincidiu com a abertura política e o início da redemocratização e os movimentos com a participação popular não se restringia aos grandes centros populacionais do país. A mobilização do movimento estudantil na UFSM era intensa. Como consequência, muitas passeatas, greves, invasões e até uma barricada. As bandeiras de luta incluíam uma maior participação dos segmentos nos Conselhos e órgãos deliberativos da Instituição. Foi também uma época muito rica em participação, sugestões e possibilidades de novas experiências. É lógico que as ocupações de espaços institucionais não só causavam transtornos de ordem administrativa, mas muitas críticas e as reações mais diversas, considerando falta de autoridade do Reitor, afirmando que a Universidade cami-

nhava para o caos, quem mandava eram os alunos e outras coisas mais. O diálogo foi exercitado até além do limite, mesmo porque em uma instituição de ensino, no caso uma universidade, o ato de ensinar e de aprender não se encerra no formalismo de uma aula teórica ou prática, mas é exercitado em todos os atos capazes de formar pessoas conscientes de sua cidadania.

P- Durante a sua gestão se podia observar em alguns muros do campus da UFSM a frase: "Benetti, o Pinochet de Camobi". O sr. acredita que havia injustiça neste tipo de acusação?

R- Este é um episódio isolado e menor. Já que, em detrimento de muitas outras questões mais importantes, foi lembrado, tenho a dizer que não foi por falta de diálogo, nem por uma decisão unilateral da Reitoria que a polícia, no caso a Brigada, entrou no Campus, mas por ordem judicial. Considero uma grande injustiça, pois, nunca fui adepto de ditaduras. Não posso admitir comparações com um sanguinário como Pinochet. Sempre elegi o diálogo e exercitei, como já disse, até o limite, a democracia no âmbito da Universidade. Só para lembrar que, coe-re com minhas propostas de campanha, um dos primeiros atos na reitoria foi extinguir a AESI, Assessoria de Segurança e Informações. Uma pessoa deve ser julgada pelo conjunto de sua obra e por sua trajetória, não por atos isolados.

P- Cerca de uma década depois, o hoje deputado Paulo Pimenta, fez elogios a sua atuação, por exemplo, no Conselho Universitário, em que referendou a entrada da UFSM em greve após decisão da famosa assembleia universitária ocorrida no ginásio do Centro de Educação Física. Que lembrança o sr. tem deste episódio, que alguns consideram como

um marco para o período seguinte que marcaria uma ascensão das forças conservadoras na UFSM?

R- Muitas lembranças, desde o fato de que, por julgar impropriedade a utilização de uma figura existente para Aula

Magna na Universidade, a Assembleia Universitária, no sentido de decidir questões como a paralisação das atividades da Instituição, não concordava com sua convocação. A firmei, contudo, e cumprí que, uma vez convocada e realizada a Assembleia, mesmo sem a minha concordân-

cia, respeitaria a decisão da mesma. Assim o fiz, inclusive dando o voto de Minerva no Conselho Universitário. Foi uma experiência singular. A minha atitude, respeitando a decisão da assembleia, realizada no estádio da UFSM, com a participação de aproximadamente oito mil pessoas, onde cinco mil ou mais eram alunos, motivou um dos grupos que não concordavam com a eleição direta, a solicitar ao Conselho Federal de Educação o meu afastamento do cargo de Reitor. Processo que foi, depois das explicações solicitadas e fornecidas ao CFE, arquivado.

Este episódio, o da Assembleia, gerou, principalmente entre os professores, segmento onde tive maior número de votos, a apreensão de que os estudantes iriam tomar conta da Universidade. A nossa atitude serena, procurando resolver os problemas da Instituição, cooperou para a volta da normalidade e, com isto, a confiança na nossa gestão. Se o Deputado Paulo Pimenta, mais do que testemunha, protagonista dos fatos, me fez elogios, eu agradeço.

P- Vinte anos após o início da Nova República, a UFSM passará por um processo eleitoral em que as entidades representativas farão uma consulta à comunidade universitária com voto paritário. Como o sr. analisa esta mudança e qual a sua posição diante da lei aprovada durante o governo FHC que deu peso de 70% aos professores na eleição a reitor?

R- Seguramente hoje, a Comunidade Universitária reúne uma experiência significativa e um juízo crítico sobre as eleições diretas. Fui eleito pelo voto paritário e considero uma boa proporcionalidade. Penso, contudo, que este é um assunto que a Comunidade Universitária deva decidir. A proporcionalidade não é o único ponto a ser discutido, mas o perfil do candidato, sua experiência, inclusive administrativa, o seu compromisso com a instituição, o seu posicionamento na defesa da Universidade Pública, Gratuita, mas com Qualidade, o quanto ele será capaz de cumprir o que estiver em seu programa, são igualmente pontos relevantes. Hoje uma das críticas mais frequentes é de que o processo de escolha do Reitor, em várias universidades se partidarizou. Não é o fato de um ou todos os candidatos terem filiação partidária, mas dos interesses do partido se sobreporem aos reais interesses da Comunidade Universitária. Esses interesses nem sempre são convergentes, e não raro, são conflitantes.

P- O sr. teve embates duríssimos com o Movimento Estudantil, à época, majoritariamente ligado ao PT. Hoje, o PT é governo federal, e se aliou com alguns partidos outrora considerados de direita. Que avaliação o sr. faz destas posturas da esquerda?

R- Adiscussão com os Líderes Estudantis foi realmente intensa, mas creio que salutar para ambos os lados. Não guardo nenhuma mágoa da época, mesmo porque quando se é jovem, se a gente não luta pelo acredita ser certo, quando o fará? Como não era e não sou filiado a nenhum partido político, não me julgo com as informações suficientes para comentar decisões tomadas quanto à alianças partidárias. Igualmente não me preocupo em ser considerado ou não de esquerda. Continuo fiel aos meus ideais de 40 anos atrás, acreditando que a Educação, embora não suficiente, é absolutamente necessária, para o desenvolvimento e soberania da nação. Trabalhar para que se tenha uma educação de qualidade e para que mais jovens, especialmente os de menor condição sócio-econômica possam ingressar e permanecer na universidade é a contribuição, dentro das minhas limitações, que posso e continuo a dar.



“Sempre elegi o diálogo e exercitei, até o limite, a democracia na UFSM”